

CRER É VIVER

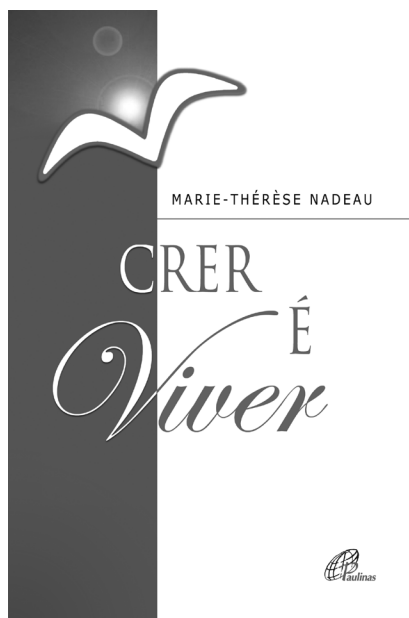
Marie-Thérèse Nadeau

São Paulo: Paulinas, 2007

Alex Villas Boas¹

A autora deste livro se propõe a mostrar a relevância da fé cristã à vida humana. Para tanto, enfoca o caráter misterioso do *initium fidei*, explicitando como a iniciativa da fé é sempre de Deus. Partindo, assim, do testemunho bíblico, apresenta a fé não como adesão aquiescente de uma doutrina, mas como resposta da existência que é interpelada em seu mais íntimo pelo *auditus fidei* da Palavra de Deus. Essa não somente anuncia o conteúdo da fé, mas também e principalmente veicula a graça que torna o ser humano *capax Dei*, permitindo a sua resposta existencial da fé, sua entrega a Deus.

A fé neotestamentária, ao apresentar Jesus Cristo como Palavra de Deus, explicita o *misterium fidei*, que deve ser entendido não tanto como aceitação da doutrina da fé, mas sim como confiança em Alguém, de modo que a aceitação daquilo que se crê – corpo doutrinário – pela razão passa antes pela aliança do coração com Aquele em quem se acredita. A Palavra, portanto, carrega consigo aquilo/Aquele que anuncia, de modo que, ao ser anunciada, impacta não somente a razão, mas todo o ser, pois é o mistério



¹ Teólogo laico, professor de Teologia Sistemática e Língua Hebraica no Instituto Superior de Teologia "João Paulo II", Sorocaba-SP. É também mestrando em Teologia Dogmática pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção e membro da Sociedade Brasileira de Logoterapia (SOBRAL) e da Associação Latino Americana de Literatura e Teologia (ALALITE).

de Deus que adentra a existência, como Palavra viva, capacitando a quem ouve a responder, na mesma medida em que se revela irresistível.

O livro, de modo sucinto, tem a preocupação de salvaguardar essa bipolaridade da fé, a iniciativa sempre de Deus e a liberdade humana de acolher ou rejeitar o dom da fé. A fim de explicitar tal questão, apropria-se de São Tomás de Aquino, no qual aquilo que a fé se dirige – *objeto da fé* – não é senão o próprio Deus e, portanto, a razão humana só pode a Ele chegar com o auxílio do próprio Deus, que predispõe e atrai a liberdade humana à fé cristã.

Uma vez que o objeto da fé não é outra coisa senão Deus, elucida-se que os conceitos, a apresentação da doutrina, a liturgia, as estruturas eclesiais têm por função conduzir ao mistério da fé. Ademais, sendo o conhecimento de Deus, em primeira estância, existencial e não científico ou filosófico e, por conseguinte, de relação interpessoal entre o crente e Deus, o ato de fé implica em incidências psicológicas, e tem por consequência a confiança em relação a alguém [Deus] e inquietude na relação com o mistério de alteridade desse alguém, o que sempre a torna, nesse sentido, uma fé imperfeita na constante procura de elucidar a existência, entrelaçando fatores objetivos e subjetivos.

Por fim, a autora aborda outro elemento essencial da fé, a missão, o “partir” para fazer ecoar a Palavra que contém a fé no testemunho, que se dirige em primeiro lugar a Deus. Quem testemunha a fé é testemunha diante de Deus e que, por efeito colateral, atinge o outro. O testemunho cristão, assim, tem uma estrutura comunitária, sendo primeiramente e tão-somente dirigido a Deus que nos reúne, e não focado no “eu”, pois quem testemunha o faz como Povo de Deus.

Mistério e graça da fé, Palavra de Deus, mudança interior e missão constituem os eixos principais deste livro sintético e esclarecedor. Seus possíveis limites encontram-se *ad extra lettera*, uma vez que a cabeça pensa aonde os pés chegam e, sendo assim, tem como alvo a reflexão teológica canadense e parece atender a demanda. Contudo, fica para nós os desafios da nossa realidade de fé, que não são abordados neste livro, o que o enquadra como um bom ponto de partida para a questão, onde não se perde de vista o lado misterioso da *propaganda fidei*, bem como apresenta uma visão *en passant* da teologia clássica.

Parece-nos, então, que alguns desafios ficam em nosso horizonte, a partir da autora. Uma vez que a fé é graça e iniciativa de Deus que envolve o ser humano numa dinâmica irresistível, este também é ser livre e hermeneuta por excelência, pois se viver é experimentar, experimenta-se interpretando. E aqui se faz necessário então um anúncio e um ambiente eclesial/comunitário onde a Palavra possa ser elucidada e potencializada em sua força de encanto e provocação, por exemplo: há de se ter como preocupação o discipulado para a fé, que predispõe a pessoa a se ambientar. Destarte, a experiência de fé precisa ser apresentada como um sentido radical e profundo, impelindo-a a ser encarnada nas questões mais íntimas da existência. Se é verdade que a Palavra de Deus que veicula a fé é irresistível, também é verdade que o som não se propaga no vácuo, e, aqui, pode-se dizer o vácuo da caridade, do diálogo, da solidariedade... daquilo que é essencialmente humano e impede não a Deus, mas ao ser humano de decifrar o mistério da vida de Deus.

Uma vez que o Cristianismo se desenlaça na história a partir do divino que se revela no humano, há que se pensar em um Cristianismo radicalmente humano, seguindo a dinâmica de seu Mestre e Senhor, a fim de atingir o humano do humano e despertar-lhe suas próprias forças motivacionais, isto é, sua capacidade de auto-motivar-se, não sem o auxílio da graça, que o permitem uma resposta existencial progressiva, desinstalando o indivíduo contemporâneo de seu núcleo “ensimesmado” para um núcleo de sentido e, conseqüentemente, compromisso, dentro de um quadro interpretativo da existência “*in*-formado” pela Palavra de Deus. A fé só poderá ser o primeiro passo de resposta de alguém se houver um horizonte que o atraia e “*pro*-voca”. A semente do *initium fidei* precisa ser semeada em terra “boa” para que possa dar “belos” frutos (cf. Mt 13, 23).